

Uma etnografia dos significados da *Louvação a Baobá*: Sentidos da África no Brasil

One ethnography from the significance from Louvação a Baobá: Feelings from Africa into the Brazil

Francisco Carlos de Lucena

Mestre em Antropologia Social Pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN (Brasil) e Professor de Antropologia do Instituto Superior de Educação de Salgueiro - PE (Brasil)

E-mail: fcluc@yahoo.com.br

RESUMO: O trabalho busca evidenciar, a partir de uma pesquisa etnográfica, aspectos relevantes da *Louvação a baobá*. A *Louvação a baobá* é uma mobilização dos ativistas negros de Mossoró. Ela é realizada no dia 20 de novembro em comemoração ao dia da consciência negra. Seu objetivo é fortalecer os laços simbólicos com o continente africano e dar maior visibilidade a umbanda na cidade de Mososró. De forma sintética, a pesquisa etnográfica mostra significados da *Louvação* relacionados aos processos de recriação da cultura negra fora da África, perfazendo os sentidos culturais da diáspora negra.

PALAVRAS-CHAVE: Louvação a baobá; diáspora negra e África.

ABSTRACT: The work seek clear, as of this date a ethnographic research, appearances relevant from *Louvação a baobá*. The *Louvação a baobá* that's a mobilization from the activists blacks of Mossoró. She is realized into the day november 20 in celebration the day from black conscience. Your objective is strengthen the ties symbolic with the continent African and deliver larger visibility the umbanda on city of Mososró. Of she forms synthetic , the ethnographic search she shows significance from *Louvação* related the in process of recreated from black culture outside the Africa , perform the senses culture from black diasporic.

KEY WORDS: Louvação a baobá; black diasporic and Africa.

1. O baobá

A cidade de Mossoró localiza-se no semiárido do Rio Grande do Norte, distando 277 Km de Natal, a capital do estado. No Censo de 2007 do IBGE, a população de Mossoró foi estimada em 234. 390 habitantes. É considerada atualmente a segunda cidade mais desenvolvida do estado, sendo suas principais atividades econômicas a extração e industrialização de sal, a extração de petróleo realizado pela Petrobrás, a agricultura irrigada e o comércio logístico.

Em Mossoró existem dois baobás na Universidade Federal Rural do Semiárido-UFERSA. Foram plantados bem próximos da entrada da Universidade, de forma que são avistados a distância. Quando florescem, destacam-se pela beleza de suas flores, fato que atrai curiosos. Foram plantados na UFERSA por ser uma árvore expressiva e bela. Constantemente, são visitadas por pessoas interessadas em conhecê-las.

O baobá é uma árvore de grande porte advinda das estepes africanas e regiões semi-áridas de Madagascar. O seu nome científico é *Adansonia digitata*. Esta árvore pode atingir até trinta metros de altura e possui a capacidade de armazenar, em seu caule gigante, aproximadamente 120.000 litros de água. Em países como o Senegal, o baobá é considerado sagrado, inspirando poesias, ritos e lendas. Geralmente, o baobá floresce durante uma única noite, entre os meses de maio a agosto. Antes de 1500, o baobá não existia na floresta brasileira. Existem várias hipóteses para sua presença no Brasil. Uma delas é que tal árvore foi trazida para o Brasil através dos escravos africanos.

2. O movimento negro de Mossoró

O surgimento do *Raízes: Movimento Negro de Mossoró* está vinculado ao mundo do teatro mossoronense e a indivíduos ligados à Igreja Católica. Ele se constituiu na década de 1980 através de dois grupos de teatro: o *Terra* e *Tártaros*. Foi basicamente destes dois grupos de teatro que saiu o quadro de militantes do movimento negro de Mossoró. Numa entrevista realizada em 2004, um dos fundadores do *Raízes* esclareceu da seguinte forma o seu processo de organização:

Ele surgiu na década de 1980, precisamente em 85. Nesta época a gente trabalhava num grupo de teatro chamado de Terra. Nesse grupo a sua grande maioria era de pessoas negras. Aí teve um momento que a gente ficou se perguntando por que tantas pessoas negras estavam juntas tentando dizer algumas coisas através da arte. Então, pensamos em se juntar daquela forma. Surgiram os primeiros encontros com esse objetivo. A gente trouxe o Frei David, que é um padre que hoje em dia vive em São João do Meriti – RJ. Este padre tinha uma grande importância para os movimentos ligados à Igreja Católica. Então, ele surgiu assim como um movimento para discutir a participação do elemento negro na sociedade e, especialmente, na arte e na cultura da região Oeste do Rio Grande do Norte. (Otávio, 44 anos, casado, umbandista, pós-graduado, entrevista realizada em 2004)

É importante frisar que o Frei David veio a Mossoró por influência de dois seminaristas negros mossoroenses, que estudavam na cidade do Recife - PE. Tais seminaristas eram irmãos de uma atriz de teatro do grupo *Tártaros*, que tinha interesse em discutir o racismo em Mossoró. Vale ressaltar que a presença do Frei Davi em Mossoró foi crucial para a formação do *Raízes*. Frei David é mineiro e desenvolveu um trabalho religioso na década de 1980 no qual misturava os cânticos da região católica com os sons dos tambores da umbanda e do candomblé. Este Frei estava naquela época viajando pelo Brasil e por países da África de religião católica. Atualmente, Frei David dedica-se a trabalhos, sobretudo na área da educação para carentes e afro-descendentes. É o diretor executivo da EDUCAFRO. A EDUCAFRO – Educação e Cidadania de Afro-descendentes e Carentes – é uma associação da sociedade civil sem fins lucrativos que atua no Sudeste do país. O seu objetivo é buscar promover a inclusão da população “negra” nas universidades públicas e particulares do Brasil.

O nome *Raízes* está relacionado aos objetivos que os militantes negros pretendiam alcançar com tal movimento. Estes eram, basicamente, combater o racismo e lutar pelo resgate e valorização da cultura negra em Mossoró. O nome *Raízes* se associa à tentativa de seus fundadores para valorizar as referências culturais dos afro-descendentes na cidade. Então, vinculado à idéia de resgate dos valores culturais dos afro-descendentes sugeriram o nome de *Raízes*, como realça a fala do militante.

Na primeira reunião, logo se teve a idéia de se chamar Raízes por conta da investigação que a gente ia fazer. Porque no principio era muito mais tentar fazer um levantamento da influência da cultura negra na cultura do Rio Grande do Norte. Esta presença da cultura negra é mais visível em estados como o Maranhão, São Paulo, Bahia, mas aqui no Rio Grande do Norte passa muito despercebida. A gente não consegue ver muito esta questão da cultura negra no nosso estado. Mas, quando a gente começou a investigar isso, nós vimos que temos fortes influências de tal cultura na composição social do Rio Grande do Norte. (Otávio, 44 anos, casado, umbandista, pós-graduado; entrevista realizada em 2004)

O início do *Raízes* em 1985 se vincula muito a visita do Frei David a Mossoró. Depois da partida do Frei, os integrantes do *Raízes* continuaram se reunindo para discutir questões relativas ao racismo na cidade. Tais reuniões eram realizadas, geralmente, uma vez por mês e se davam na residência de algum dos integrantes. Mas, devido às tarefas da vida cotidiana, ficava difícil organizar as reuniões e teve início uma fase de desarticulação do movimento negro de Mossoró. No período de 1985 até 1999 o *Raízes* esteve praticamente sem nenhuma articulação. O que se mantinha em vigor era a vontade dos seus integrantes em combater o racismo, mas não conseguiam organizar uma agenda de luta para o movimento. Somente em 1999, o *Raízes* se rearticulou através de pessoas ligadas a FASSO - Faculdade de Serviço Social da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN. Esta rearticulação possibilitou um encontro com o movimento negro de João Pessoa - PB. Nesse encontro, realizado na Associação dos Docentes da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte- ADUERN, se discutiu a articulação e a mobilização do *Raízes* em Mossoró. Em 2000, as discussões realizadas no encontro da ADUERN foram postas em prática com a organização da primeira comemoração do Dia da Consciência Negra, realizada pelo *Raízes* com a atividade cultural denominada de *Louvação à Baobá*. Atualmente em Mossoró o que se tem de referência à militância negra organizada é o desfile de *Maria Espinha Brasa* no carnaval e no dia da Consciência Negra a realização da *Louvação a baobá*. Ressalto ainda que desde 2006 o movimento negro de Mossoró passou a se chamar de *Grupo: Negro e Lindo*. O *Negro e Lindo* é composto por oito militantes que organizam a *louvação a baobá* e o desfile da boneca carnavalesca *Maria Espinha Brasa*.

3. Significados da *louvação a baobá* em Mossoró

A *Louvação a Baobá* era uma das mobilizações do grupo *Raízes*. Mesmo com a sua desarticulação no período de 2004 para 2005, a *Louvação a Baobá* continuou a ser realizada. Atualmente, ela é organizada por duas militantes negras que faziam parte do *Raízes* e que agora estão no *Negro e Lindo*. Desde o ano de 2003, a *Louvação a Baobá* conta com a participação de terreiros de umbanda do bairro Santo Antônio, e cada vez mais aumenta a participação dos umbandistas no evento. Para as duas militantes, a iniciativa de incluir a umbanda na *Louvação a Baobá* foi muito positiva porque vem mostrando a existência de religião afro-brasileira na Mossoró. Dessa forma, a decisão de inserir a umbanda no evento tem também uma dimensão estratégica dos militantes no sentido de mostrar para a cidade uma maior expressividade na realização da *Louvação à Baobá*.

A *Louvação a Baobá* acontece na Estação das Artes Eliseu Viana, o espaço onde são realizadas as principais festividades públicas da cidade. Tal evento é realizado no dia 20 de novembro, o dia da Consciência Negra. A primeira *Louvação a Baobá* foi no ano de 2000, quando os militantes negros do *Raízes* ficaram sabendo que havia um pé de baobá na Estação das Artes. No primeiro ano, foi realizada pelos artistas da companhia *Escarcéu* de teatro. Nos anos seguintes, a *Louvação* passou a ser realizada pelo *Raízes*, que foi aos pouco incorporando os terreiros de umbanda na *Louvação*. Ao conversarmos com uma das organizadoras da *Louvação a Baobá*, ela explicou como foi se constituindo o evento da seguinte forma:

A louvação ao baobá necessita de uma explicação. Primeiro, o que é um baobá? Baobá é uma árvore africana que na nossa cidade, em 2000, identificamos um exemplar desta árvore. Conta a história que veio para o Brasil trazido pelos escravos em seus cabelos como símbolo de vinculação as suas origens. Nós descobrimos que existia um baobá plantado na Estação das Artes em homenagem a Vingt Twin Rosado. Numa das discussões do *Raízes* foi proposto que a gente realizasse neste lugar um reencontro com as nossas origens, colocando como símbolo da nossa consciência negra e ocupando o espaço público local com a referência a esta árvore negra. Este evento seria uma adoração no sentido de uma referência aos pés desta árvore e as nossas origens africanas. Inicialmente, foi feita pelos artistas de Mossoró da *Escarcéu* e posteriormente nós fomos incorporando os terreiros de umbanda de Mossoró. Hoje é uma atividade realizada pelos terreiros de umbanda. (Fátima, 43 anos, casada, católica, pós-graduada)

Um fato que chama a atenção nas palavras da militante é que o baobá da Estação das Artes foi plantado em homenagem às lideranças políticas da família Rosado e não em homenagem aos negros. A família Rosado constitui uma oligarquia que se mantém no poder político de Mossoró desde a década de 1930. Certamente, a família Rosado não homenageou Vingt Twin Rosado com a plantação de um baobá sem uma estratégia política implícita. Como já destacamos, o baobá é um símbolo de resistência e grandiosidade. Então, referenciar uma personagem da política local com um baobá traz implícita a aspiração de torná-la um símbolo de resistência para as gerações futuras. Como destaca Kertzer (1988), as realidades e contextos políticos são criados, em grande medida, através de referenciais simbólicos. O mesmo autor argumenta que as criações simbólicas relativas à elaboração da imagem de uma liderança política são meios poderosos para se garantir o poder. Então, a plantação do baobá na Estação das Artes para simbolizar a importância da família Rosado foi pensada como uma maneira de ocupar mais um espaço público com mais uma referência a tal família.

No entanto, os militantes negros deram um outro significado a árvore. Significado esse que se associa às origens simbólicas do baobá com a África. Na fala acima, a entrevistada destaca que o *Raízes* decidiu fazer a *Louvação a Baobá* porque esta árvore significava a resistência dos escravos e a ligação dos negros com o continente africano. Ela enfatiza também que existe na *Louvação a Baobá* um sentido de reencontro com as raízes culturais africanas. Para os militantes negros, o baobá veio da África e hoje representa o continente africano na cidade de Mossoró. Na *Louvação a Baobá*, as origens africanas são revividas e realçadas durante a sua realização. Para Sansone (2007), “a África é utilizada como um banco de símbolos do qual são sacados símbolos de uma forma criativa”. Paul Gilroy (2001) sugere que a cultura negra e as “identidades negras” são criadas e redefinidas através de uma troca triangular entre o continente africano, o Novo Mundo e a Diáspora negra na Europa. Para o autor, esses processos de reelaboração cultural são efetivados através de uma “conexão que deriva tanto da transformação da África pelas culturas da diáspora como da filiação das culturas da diáspora à África e dos traços africanos encerrados nessas culturas da diáspora” (GILROY, *ibid*, p. 372). Vale ressaltar que para Gilroy (2001) a conexão existente entre as culturas da diáspora com a África não significa um restabelecimento com um passado perdido, mas sim configura um processo

extremamente dinâmico de trocas e de mistura culturais. Para o autor, a mistura e a hibrididade culturais são entendidas como princípios basilares da formação das culturas da diáspora negra. Está intrínseca na discussão de Gilroy (ibid) sobre as culturas da diáspora, a questão da resistência e do poder criativo inerente a essas culturas. A *Louvação a Baobá* perfaz o sentido de trocas culturais existentes entre o continente africano e as culturas negra que se organizaram fora da África. Também serve para se pensar no intenso processo de recriação cultural de símbolos africanos que foram trazidos para outras sociedades durante e depois da escravidão.

Um outro fato muito interessante é que a árvore plantada na Estação das Artes como sendo um baobá, na realidade, é uma carabeira! A carabeira é uma árvore que chega a atingir até vinte metros de altura. O seu nome científico é *Tabebuia caraba*. Popularmente, ela também é conhecida como ipê-amarelo-do-cerrado. Existem baobás em Mossoró, mas estes se encontram na UFERSA, como já foi destacado. Mesmo sabendo que o baobá da Estação das Artes não é verdadeiro, a *Louvação* continuou a acontecer no mesmo local. Isso se deve ao fato da UFERSA se localizar muito distante do centro da cidade, tornando-se difícil o acesso para os seus participantes. A Estação das Artes também é estratégica no sentido de possibilitar maior visibilidade do evento para a população mossoroense, já que fica situada no centro da cidade.

A Estação das Artes se torna estratégica justamente porque a *Louvação a Baobá* configura, segundo os seus organizadores, um espaço para se afirmar as origens africanas e fortalecer a luta contra a discriminação racial. Então, se a *Louvação a Baobá* ocorresse na UFERSA a sua visibilidade pública seria seriamente comprometida. Ao entrevistarmos uma das organizadoras da louvação sobre o objetivo de tal evento, ouvi palavras seguintes:

A gente tem duas coisas: Uma porque a gente não tem candomblé na cidade que é de origem africana. Mas temos a umbanda que vem de um ritual africano. Eu achei importante englobar todas as formas de preconceito e discriminações com o negro, com o umbandista e com o homossexual. Não é só do negro, mas é o dia da Consciência Negra para que a gente olhe e veja os discriminados. Isso a gente está conseguindo. Os umbandistas da cidade de Mossoró estão conseguindo crescer o movimento. Eles estão se afirmando como religiosos dentro da cidade e acontece o respeito quando a gente vê que hoje temos quatro terreiros. Um dia vai ter cem terreiros com toda certeza. Hoje a gente nem toma mais conta. É a afirmação

social deles, dizendo que estão presentes na cidade. O baobá é também uma reverência aos nossos antepassados. (Júlia, 41 anos, solteira, umbandista, graduada)

Numa entrevista realizada com uma outra militante negra que também faz parte da organização da *Louvação*, foi ressaltado que o seu objetivo maior é buscar afirmar a presença da população negra em Mossoró e tentar unir os terreiros de umbanda.

A cidade de Mossoró tem muita presença de negros. Então, é importante afirmar a presença do negro nesta cidade e a *Louvação à Baobá* é parte desta história de afirmação. Além disso, a *Louvação* tem também o objetivo de buscar unificar a religião umbanda em Mossoró. (Fátima, 43 anos, casada, católica, pós-graduada)

Pela fala das militantes negras, pode-se dizer que os objetivos da *Louvação a Baobá* são, especificamente, envolver os terreiros de umbanda do Santo Antônio no evento, para que eles possam aparecer publicamente e buscar destacar a presença da população negra em Mossoró. A decisão dos militantes para inserir os terreiros de umbanda na *Louvação* foi muito positiva. Em primeiro lugar, porque a cada ano está aumentando a participação dos terreiros. O aumento gradativo da participação dos terreiros está fazendo com que outros terreiros também despertem o interesse para participarem. Na realidade, a participação dos terreiros na *Louvação a Baobá* é vantajosa. Isso porque eles se tornam mais visíveis, pois geralmente a imprensa faz reportagem do evento. A *Louvação* está se apresentando, atualmente, como um espaço no qual os umbandistas podem usar para demarcar publicamente a sua presença em Mossoró.

Geralmente, a *Louvação a Baobá* tem início a partir das dezessete horas. Mas os participantes começam a chegar ao local por volta das dezesseis horas. Antes de começar a *Louvação a Baobá*, as pessoas ficam conversando sobre os seus problemas familiares e evidenciam também questões relativas ao racismo na cidade. Durante o dia, a realização do evento é noticiada nas rádios locais e, às vezes, nos jornais. Para começar a *Louvação a Baobá*, que é constituída pela celebração de vários *pontos* da umbanda, os pais-de-santo e as duas militantes negras responsáveis pela organização do evento discursam. Antes de iniciar os discursos, os participantes formam um círculo ao redor do baobá. Este círculo é constituído, principalmente, pelos

umbandistas e os militantes negros. As demais pessoas que prestigiam a *Louvação* geralmente não entram no círculo. Na maioria das vezes, ficam observando um pouco afastadas. Nesse ínterim tem início o batuque dos tambores da umbanda que vai até a primeira pessoa discursar. Logo os tambores param e todos ficam atentos ao discurso que estão sendo proferidos. No geral, os discursos explicitam o significado da *Louvação* e destacam a importância de se conviver com a diferença cultural e social. Vejamos o discurso de um pai-de-santo:

A participação dos terreiros na louvação se dá porque somos convidados por Fátima e por Júlia. Esta louvação significa a nossa busca para acabar o preconceito contra a umbanda e contra os nossos irmãos negros. Também serve para louvar o baobá que é uma árvore símbolo do povo africano e da sua luta contra as injustiças que sofreram. (Neto, 42 anos, solteiro, umbandista, segundo grau completo)

Logo em seguida, outro pai-de-santo falou sobre a necessidade de se combater o preconceito contra a umbanda.

Estamos aqui reunidos buscando mostrar o que significa o culto afro-brasileiro. Como queremos que nossos irmãos deixem de ver a umbanda como uma religião baixa. (Patrício, 40 anos, solteiro, umbandista, segundo grau completo)

Depois, uma das organizadoras da louvação destacou a importância da união dos terreiros.

Esse dia 20 para nós é mais do que o encontro dos ancestrais. Nós que somos umbandista é o momento de buscar a confraternização entre os terreiros e a população de Mossoró. Para mim, está começando a nascer a questão da união dos terreiros da cidade de Mossoró. E o aparecimento deles em público para sair de esconderijo. (Júlia, 41 anos, solteira, umbandista, graduada)

Finalizando os discursos iniciais, a outra organizadora da *Louvação* enfatizou o significado da *Louvação a Baobá*. Onde deixou clara a ligação com a África que a árvore expressa para eles.

O baobá aqui está representado nesta cesta com flores e frutos que veio com os nossos irmãos e nossos ancestrais lá da África. Que eles traziam como lembranças do rompimento com suas famílias por causa da escravidão e do tráfico de escravos. E aqui plantaram essa árvore no Brasil. Esta árvore é uma árvore sagrada onde a gente deposita nossa referência ao nosso passado e aos nossos ancestrais que vieram como escravos. Para nós, este momento é como se nós retornássemos as nossas origens. Significa tentar encontrar o nosso passado. Porque se a gente pegar um branco ele sabe quem é o seu avô, seu bisavô e tetravô. Sabe da história da sua família. Mas se perguntarem a nós, a qualquer um de nós que está aqui, vai ser muito difícil a gente saber. Porque nós não viemos para cá porque quisemos. Nós fomos tirados dos nossos lugares e dos nossos ancestrais. Da sua família para vim para cá arrebatados. Para vim sofrer aqui. O baobá é esta referência ao nosso passado na tentativa de encontrar as nossas asas nesta história. Nós não vamos encontrar os nossos tataravôs. Mas vamos referenciá-los como negros, como pessoas que respeita as origens do povo africano aqui nesta cidade. (Fátima, 43 anos, casada, católica, pós-graduada)

Nos discursos, podem-se destacar alguns pontos relevantes. Um deles é a ênfase que os pais-de-santo deram à importância que a *Louvação a Baobá* tem no sentido de possibilitar uma maior aproximação entre os terreiros e de apresentar a umbanda como uma religião digna de respeito. De certa forma, a *Louvação* configura um espaço para os umbandistas mostrarem a sua religião publicamente. Como geralmente os terreiros de umbanda se localizam em espaços afastados do centro da cidade, eles possuem pouca visibilidade pública. E como também são vítimas de muitos preconceitos raciais, apresentar-se publicamente é importante para demonstrar que a umbanda é uma religião como qualquer outra e que ela não é uma expressão dos resquícios do primitivismo da humanidade (MAGGIE, 2001). Um outro ponto importante diz respeito ao fato da *Louvação a Baobá* expressar um momento no qual os militantes e os umbandistas buscam uma ligação simbólica com o continente africano. Isso porque a África é apresentada como símbolo de resistência e de orgulho para eles. Assim, a *Louvação* apresenta-se como um espaço de oposição a uma estrutura social hierarquizada e socialmente conflitiva no que diz respeito à umbanda e a cultura negra de modo geral. Se entendermos que os rituais configuram formas de afirmação simbólica da ordem social (LEACH, 1996), pode-se dizer que a *Louvação a Baobá* possui um significado de afirmação e de fortalecimento das expressões culturais afro-brasileiras no contexto social de Mossoró. O baobá representa a África através da idéia de resistência e grandiosidade que são simbolizadas na árvore. Isso

nos faz lembrar o estudo de Turner (In PEIRANO, 1995) sobre o simbolismo das árvores Ndembu. Ademais, Peirano (ibid) destaca que é recorrente em muitas culturas os rituais que utilizam árvores em suas elaborações simbólicas.

Um fato destacado por Sansone (2007) nos processos de “africanismos” é justamente as diferentes formas da África ser reinventada, dependendo das razões políticas envolvidas. A *Louvação a Baobá* possibilita uma ligação com o continente africano através das lembranças do escravismo e das ancestralidades africanas, contextualmente re-criadas pelos participantes do ritual. Desse modo, a *Louvação a Baobá* nos remete a pensar nas forças sociais locais que influenciam as formas como as coisas africanas têm sido classificadas e posicionadas nas diferentes regiões do Brasil (SANSONE, 2007).

A realização da *Louvação a Baobá*, instiga também em se pensar na relação entre rituais e ação social (PEIRANO, 2001). A *Louvação a Baobá* possui ao mesmo tempo um significado de ligação simbólica com a África e um propósito de dar visibilidade a expressões culturais afro-brasileiras. De certa forma, a realização da *Louvação* revela aspecto de um contexto no qual existem conflitos referentes à aceitação dessas expressões culturais pela sociedade local. Como os rituais são momentos de intensificação do que é usual na sociedade, eles refletem traços comuns a outros momentos ou situações sociais (PEIRANO, ibid). Assim, a *Louvação* pode evidenciar elementos de uma sociedade na qual as expressões culturais afro-brasileiras são, de certa forma, vistas de modo preconceituoso. Pode-se ver também que os discursos dos pais-de-santo e das organizadoras da *Louvação*, destacados acima, envolvem uma “performance” na qual são enfatizadas questões relativas ao preconceito contra a umbanda e a importância do baobá como símbolo de resistência dos afro-brasileiros. Os seus discursos buscam apresentar a *Louvação* como um momento de valorização da cultura negra e como um espaço de visibilidade para a umbanda. Entendendo “performance” também como agente das mudanças culturais (TURNER, 1987), os discurso dos pais-de-santo e das organizadoras da *Louvação* buscam colocar tal evento como um espaço afirmativo das expressões culturais afro-brasileiras na cidade de Mossoró. Nesse sentido, a *Louvação a Baobá* pode significar afirmação da cultura negra e a politização da umbanda na sociedade mossoroense.

Logo depois dos discursos, recomeça o batuque dos tambores e os umbandistas iniciam os vários *pontos* constituintes da *Louvação*. A duração da

Louvação é de aproximadamente uma hora e meia. Vale ressaltar que os umbandistas vêm bem caracterizados, trajando os seus vestuários dos rituais da umbanda. Naquele momento, eles fazem questão de deixar bem claro para as pessoas presentes que são umbandistas. Obviamente não podemos afirmar que a *Louvação a Baobá* signifique um espaço de afirmação para os umbandistas do Santo Antônio. Para tanto, seria necessária uma outra pesquisa, fato que foge aos objetivos desta etnografia. Mas, pelos menos, podemos dizer que a *Louvação* serve como um espaço que possibilita aos umbandistas um certo encorajamento no sentido de apresentar a sua religião em público. Durante a *Louvação*, ouvimos de um umbandista a seguinte declaração, que enfatiza um pouco deste sentido de encorajamento que estamos falando.

Eu acho que é a gente que tem preconceito. Porque hoje nós estamos realizando a Louvação à Baobá e apresentando a nossa religião e não vir preconceituoso. O que a gente precisa é ter mais coragem e afirmar que somos umbandistas em qualquer lugar que estivermos presentes. (José, 28 anos, solteiro, umbandista, segundo grau completo; grifos do pesquisador)

Outro umbandista fez mais um comentário, realçando também mesmo sentido de encorajamento que eles vivem durante a *Louvação*.

Nós precisamos fortalecer mais este evento porque a umbanda sofre muito preconceito em Mossoró. Assim, a gente saindo para rua as pessoas ficam sabendo que nós somos umbandistas e o preconceito vai diminuindo. (Antônio, 27 anos, solteiro, umbandista, segundo grau incompleto)

Vale destacar que os transeuntes que passam pela avenida da Estação das Artes e são atraídos pelo evento ficam com um olhar de estranhamento com relação à *Louvação a Baobá*. Muitas vezes, dizem frases preconceituosas tais como: “neste momento, eles não fazem macumba; eles estão somente se apresentando, não há perigo aí”. Às vezes ficam rindo dos processos ritualísticos dos *pontos* da umbanda. Geralmente, estas pessoas não esperam a *Louvação* terminar. Elas observam como se tivessem esperando algo espetacular ou exótico acontecer. Com o passar do tempo, parece que eles constatam que não vai acontecer nada de exótico e vão embora. Também passam pessoas na avenida, principalmente em carros ou

motocicletas, que gritam de forma estigmatizante. Os convidados dos pais-de-santo e das militantes negras ficam observando o decorrer da *Louvação* e tirando fotos. Eles ficam até o final da *Louvação a Baobá* e até entram no círculo ao redor do baobá. Estes convidados são, na sua maioria, professores e estudantes universitários. A equipe da imprensa jornalística sempre está presente. Sua presença é requerida pelas militantes e é mais fortalecida pelo fato de existir um militante do *Negro e Lindo* que é jornalista.

Ao terminar a *Louvação a Baobá*, as pessoas pegam flores e frutos de baobá que se encontram no caule da árvore. As flores e os frutos de baobá simbolizam os laços de origem do povo negro com a África e os umbandistas os levam como lembrança e reconciliação com os ancestrais africanos. Mas, não são somente os umbandistas que levam as flores e frutos, as demais pessoas também levam. Certamente, nem todas as pessoas que levam as flores e frutos de baobá dão a elas o mesmo significado. A idéia de associá-las com as origens africanas está mais presentes evidentemente entre os umbandistas e os militantes.

REFERÊNCIAS

GILROY, Paul. *O Atlântico Negro*. São Paulo; Editora 34/UCAM, 2001.

KERTZER, David. *Ritual, Politics and Power*. Yale University Press. New Haven and London, 1988.

LEACH, Edmund R. *Sistemas Políticos da Alta Birmânia*. São Paulo; Edusp, 1996.

MAGGIE, Yvonne. *Guerra de Orixá: Um Estudo de Ritual e Conflito*. Rio de Janeiro; Zahar, 2001.

PEIRANO, Marisa. “As árvores Ndembu”. In: *A Favor da Etnografia*. Rio de Janeiro, 1995.

_____. “Rituais como estratégias analíticas e abordagem etnográfica”. In: PEIRANO, Marisa (org). *O Dito e o Feito*. Rio de Janeiro; Relume-Dumará, 2001.

SANSONE, Lívio. Da África ao afro: uso e abuso da África entre os intelectuais e na cultura popular brasileira durante o século XX. Rizoma.net. Disponível em: <http://www.rizoma.net/interna.php?id=197&secao=afrofuturismo>. Acesso em 8/03/2007.

TURNER, Victor. *The Anthropology of Performance*. New York; Paj Publications, 1987.